

## Freire e Boaventura: concepções em diálogo imaginando futuros possíveis

*Freire and Boaventura: conceptions in dialogue imagining possible futures*

*Freire et Boaventura : des conceptions en dialogue imaginant des futurs possibles*

Inês Barbosa de Oliveira  
Universidade Estácio de Sá – PPGE  
ines.oliveira@estacio.br  
<http://orcid.org/0000-0003-4101-3919>

Jaciara de Sá Carvalho  
Universidade Estácio de Sá - PPGE  
jaciara.carvalho@estacio.br  
<https://orcid.org/0000-0003-1497-3930>

### RESUMO

Este ensaio apresenta aproximações entre Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, recuperando concepções desses autores que dialogam com a atualidade do país. Discutem-se princípios e propostas que contribuiriam para a recuperação de algum otimismo em relação ao que se pode compreender, aprender, produzir, criar em situações como as que temos vivido. A discussão aproxima, sobretudo, as concepções situação-limite, ato-limite e inédito viável em Freire, ao pensamento de Santos, com foco na categoria ainda-não. Seria possível vislumbrar em diferentes cenários e circunstâncias, possibilidades emancipatórias ainda-não realizadas ou inéditos-viáveis, que cabem em esperanças críticas. Seria possível seguir acreditando em utopias viáveis, apesar de toda a tragédia. Freire e Santos nos dão suporte para seguir nesta direção.

**Palavras-chave:** Paulo Freire. Boaventura de Sousa Santos. Situação-limite. Inédito viável. Ainda-Não.

### ABSTRACT

This essay presents approximations between Paulo Freire and Boaventura de Sousa Santos, recovering these authors' conceptions that dialogue with the country's current affairs. Principles and proposals that would contribute to the recovery of some optimism regarding what can be understood, learned, produced, created in situations like the ones we have been experiencing are discussed. The discussion brings together, above all, the concepts of limit-situation, limit-act and unprecedented viable in Freire, to Santos' thought, with a focus on the not-yet category. It would be possible to glimpse, in different scenarios and circumstances, emancipatory possibilities not-yet realized or unprecedented viable, which fit into critical hopes. It would be possible to continue believing in viable utopias, despite all the tragedy. Freire and Santos support us to keep moving in this

direction.

**Keywords:** *Paulo Freire. Boaventura de Sousa Santos. Limit-Situation. Inédito viável. Not-yet.*

## RÉSUMÉ

*Cet essai présente des rapprochements entre Paulo Freire et Boaventura de Sousa Santos, en récupérant les conceptions de ces auteurs qui dialoguent avec l'actualité du pays. Des principes et des propositions qui contribueraient à retrouver un certain optimisme quant à ce qui peut être compris, appris, produit, créé dans des situations comme celles que nous vivons sont discutés. La discussion rassemble, avant tout, les concepts de situation-limite, d'acte-limite et de l'inédit viable chez Freire, à la pensée de Santos, en mettant l'accent sur la catégorie pas-encore. Il serait possible d'entrevoir, dans différents scénarios et circonstances, des possibilités émancipatrices pas-encore réalisées ou des inédits viables, qui s'inscrivent dans des espoirs critiques. Il serait possible de continuer à croire en des utopies viables, malgré toute la tragédie. Freire et Santos nous soutiennent pour suivre dans cette direction.*

**Mots-clé:** *Paulo Freire. Boaventura de Sousa Santos. Situation-limite. Inédit viable. Pas-encore*

## Trágico contexto

O Brasil de 2021 é um país difícil de se viver – talvez dissesse Paulo Freire (1921-1997) em seu centenário de nascimento. Não bastasse a pandemia de COVID-19, com o particular agravamento derivado da postura governamental, há muitos outros problemas, causados ou não pela má gestão do país, que desafiam o otimismo de qualquer um. O total de mortes<sup>1</sup> – 80% das quais poderiam ter sido evitadas – equivale, nos últimos 15 meses (março 2020/junho 2021), à queda, sem sobreviventes, de 6 aviões lotados por dia! Para além do astronômico número de vidas perdidas pelo descaso com a pandemia, vivemos um momento triste e de graves retrocessos em muitos setores.

A Amazônia e os povos originários estão em risco crescente e políticas que vêm ampliando a exclusão social, a pobreza, a fome e a intolerância estão em andamento. Perdas inimagináveis no campo social provocam o crescimento dos feminicídios, dos atos de racismo e da violência nas relações cotidianas. Some-se a isso o negacionismo científico que consolida adesões a ideias esdrúxulas, como a de que a Terra é plana, de que as crianças não precisam ir à escola ou, ainda, a de que as vacinas fazem mal e a doença

---

<sup>1</sup> Até o dia 30 de junho de 2021, foram registradas 518.246 mortes por COVID, de acordo com o Ministério da Saúde. Informação disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/30/covid-19-coronavirus-casos-mortes-30-de-junho.htm?cmpid=copiaecolamortes> por COVID-19 no país. Desde 12 de março, data da primeira morte, passaram-se 477 dias. Acesso em: 30/06/2021.

imuniza. A catástrofe econômica, aparentemente menos grave em função de uma leve recuperação do PIB quando escrevemos este texto, e que encanta economistas conservadores e liberais em geral, fica clara quando incluímos na reflexão a barbárie de um crescimento que gera aumento da pobreza entre os mais pobres e uma indecente concentração de riqueza 50% na mão de 1% da população, conforme noticiário recente<sup>2</sup>. A lista é tristemente longa e inclui consequências fortes em todos os setores da vida social brasileira. Como afirma Frédéric Gros (2018, p. 14): “Falar de ‘injustiça’ tornou-se obsoleto. Estamos na era da indecência”.

Não há novidades na introdução deste ensaio. No entanto, explicitar, não-naturalizar e tornar tudo isso um *percebido-destacado*, como será discutido adiante, poderiam ser formas de enfrentamento. O cenário, no mínimo trágico, não significa que não tenhamos saída ou esperança possível. Conforme aprendido com Paulo Freire (passim), provavelmente vivenciamos *situações-limite* a partir das quais possamos construir *inéditos-viáveis*. Afinal, a utopia se faz necessária não apenas para o prosseguimento da vida diante desse caos, mas, também para a busca de nossa vocação ontológica em *ser mais*.

Se a realidade “não é”, “está sendo”, “esperançar” seria verbo de primeira ordem. Neste espírito, produzimos aproximações entre Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, recuperando concepções afins desses autores que, entendemos, seriam atuais e necessárias. Sobretudo, princípios e propostas que contribuiriam para a recuperação de algum otimismo em relação ao que se pode compreender, aprender, produzir, criar em situações como as que temos vivido. Mesmo sabendo que estamos em momento de “lutas defensivas”, aquelas que visam a assegurar direitos já conquistados anteriormente, e em risco, como estão no Brasil de hoje, seria possível vislumbrar em diferentes cenários e circunstâncias, possibilidades emancipatórias *ainda-não* (SANTOS, 2004) realizadas ou *inéditos-viáveis* (FREIRE, 1987), que cabem nos nossos horizontes de possibilidades. É possível seguir acreditando em utopias viáveis, apesar de toda a tragédia. Freire e Santos nos dão suporte para seguir nesta direção.

---

<sup>2</sup> Detalhes em: [Desigualdade: 1% da população concentra metade da riqueza do país \(uol.com.br\)](http://www.uol.com.br).

## Situação-limite, ato-limite e inédito viável: princípios freireanos para esperar

E para onde seguimos? Como seguimos? Questões como essas são discutidas por diferentes filósofos há muito tempo. Mas uma porta de entrada para as utopias viáveis poderia ser reconhecer que, do nascimento à morte, grande parte de nossa vida seria dedicada a cumprir nossa vocação ontológica de *ser mais* (FREIRE, 1992), princípio tomado por Freire que podemos relacionar com a ideia de para onde seguimos. Lutamos para crescermos nas múltiplas dimensões que nossa humanidade nos permite, no diálogo com o contexto, os outros, a vida sob formas diversas.

No entanto, apesar dessa vocação ontológica de que partiria Freire para produzir sua obra, compreendemos que muitos de nós tornamos a vocação de *ser mais* um objetivo intencional para si e, também, promovido na relação com o outro. Nessa construção de *ser mais*, buscamos *conscientização*<sup>3</sup> (FREIRE, 1979), ou seja, procuramos vivenciar o desenvolvimento permanente da criticidade em nossa relação com o mundo, e com os outros, que promova transformações em nossas situações existenciais, de nossa condição de vida, da dos outros seres e do planeta. Como escreveu Freire (1979, p. 16), "a conscientização é isto: tomar **posse** da realidade" e transformá-la. E deveria ser o "primeiro objetivo de toda educação", escreveu à época (1979, p. 22).

Por algum tempo após a publicação do livro "Conscientização, teoria e prática da libertação" (1979), Freire deixou de usar a expressão em suas obras por considerar que, ao percorrer vários países, a palavra "conscientização" acabou esvaziada de sentido, sendo empregada como se fosse "pílula mágica" (FREIRE, 2001). Mas, no último livro que escreveu, "Pedagogia da autonomia" (1996, p. 60), ela é retomada com ênfase por ele: "Contra toda força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da conscientização".

O processo de conscientização implica a superação da curiosidade ingênua pela crítica, também chamada por Freire (1996) de curiosidade epistemológica. Não há uma

---

<sup>3</sup> "Paulo Freire não é o inventor dessa palavra, como muitos pensam. Era uma palavra já utilizada pelos teóricos do ISEB [Instituto Superior de Estudos Brasileiros], entre eles, Álvaro Vieira Pinto e Guerreiro Ramos. Foi no ISEB que Paulo Freire ouviu pela primeira vez essa palavra e ficou impressionado com a profundidade do seu significado e percebeu que a educação, como ato de conhecimento e como prática da liberdade é, antes de mais nada, conscientização. A partir daquele momento essa palavra começou a fazer parte do seu universo vocabular com a qual ele exprimia suas posições político-pedagógicas. Por isso passou a ser considerado como inventor dessa palavra. Paulo Freire deu a essa palavra um conteúdo político-pedagógico tão particular que pode ser considerado o 'pai' dessa palavra, como muitos pensam" (GADOTTI, 1996, p. 717).

ruptura com a curiosidade ingênua, nem uma passagem automática para a crítica, mas uma superação. A diferença estaria na rigorosidade metódica durante o estudo do objeto, do qual se toma distância para dele se aproximar e “falar prudentemente”. Nesse sentido, podemos compreender que o processo de conscientização não seria desenvolvido por todos os sujeitos, mas por aqueles que intencionalmente constroem sua criticidade, que trilham a busca do *ser mais*, tomando-a como um compromisso frente às mais diversas problemáticas. E, assim, agem para transformá-las.

No início deste texto, destacamos parte do contexto difícil para nós, brasileiros, embora também problemáticas semelhantes possam ser enfrentadas em outros países. A percepção dessas problemáticas varia de acordo com os sujeitos que, diante de “dimensões concretas e históricas de uma dada realidade”, podem ser *percebidas* por eles como *situação-limite* (FREIRE, 1987, p. 51).

Quantas *percebemos* diariamente? E enquanto professores? Para o exercício da prática educativa, podemos avaliar essas situações como freios a nós e/ou a um coletivo, como a toda sociedade brasileira. Entretanto, as situações-limite não seriam elas, *em si*, geradoras de desesperança e paralisia, mas a “*percepção* que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar” (FREIRE, 1987, p. 51, grifo nosso).

Ao empregar a expressão *situações-limite* em *Pedagogia do Oprimido* (1987), Freire não se referia aos educadores, especificamente, mas a qualquer sujeito que enxerga situações de forma acrítica e fatalista, seja pela falta de conhecimento de suas “razões de ser” seja pelo fato de desconsiderar a possibilidade histórica de superação desses freios. Freire (1987) explica que toma a expressão *situações-limite* emprestada de Vieira Pinto, que, por sua vez, esvazia a dimensão pessimista do mesmo conceito em Jaspers. Importa aqui explicitar que “[...] as ‘situações-limite’ não são ‘o contorno infranqueável onde terminam as possibilidades, mas a margem real onde começam todas as possibilidades’; não são ‘a fronteira entre o ser e o nada, mas a fronteira entre o ser e o ser mais’” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 284 apud FREIRE, 1987, p. 51). As *situações-limite* carregariam as contradições a partir das quais seria possível superá-las, após delas tomar distância, destacando-as e analisando-as. A partir delas, pode-se ter esperança e otimismo e é por aí que Freire segue.

A superação das *situações-limite* busca enfrentar obstáculos percebidos, em lugar de aceitá-los fatalisticamente ou apenas contorná-los. Nesse movimento, os sujeitos

realizam *atos-limite* que já se encontravam nas situações, mas não eram percebidos por eles quando não realizavam a crítica necessária. Quando tornam os limites um *percebido destacado*, os sujeitos, em seu processo de conscientização, podem partir para a transformação. Como escreveu Nita Freire (1992, p. 106) na primeira nota da “Pedagogia da Esperança”, em “não podendo ou não devendo permanecer como tal, passa a ser um tema-problema que deve e precisa ser enfrentado, portanto, deve e precisa ser discutido e superado”, por meio de *atos-limite* que possam construir *inéditos viáveis*. Nesse sentido, em “última instância”, continua Nita Freire, o *inédito viável* é “algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela *práxis* libertadora”.

Talvez ainda enfrentemos tantos problemas neste país e, em especial, na educação porque temos conseguido apenas contornar parte deles, criando alternativas diante das situações que se configuram como limite. Não conseguimos, ainda, vencer desafios como os que se apresentam para a prática pedagógica libertadora. Provavelmente porque a maioria deles, concretos e históricos, como diria Freire, não podem ser superados apenas por meio de atos isolados de professores, individualmente ou em grupo, em seu processo de conscientização. Mas por toda parcela da sociedade que sonha e se compromete com um “outro mundo possível” – um dos lemas do Fórum Social Mundial.

Talvez seja esse um ponto de inflexão: a superação das *situações-limite*. Não a criação de alternativas, arranjos temporários, atos que adiam o “limite” para o *ser mais*. Concordamos com Gadotti (1996, p. 730) de que as situações-limite “não devem ser contornadas, mas analisadas, enfrentadas e estudadas em suas múltiplas contradições, sob pena de reaparecerem mais adiante com força redobrada”.

De fato, em nosso processo de conscientização, muitos de nós conseguiríamos realizar a crítica necessária diante das barreiras percebidas, realizando atos para buscar superá-las e seguir adiante. Mas, as barreiras que contornaríamos, seriam, em geral, mais restritas ao universo individual de nossa existência, embora muitas delas derivem de situações cujas raízes são profundas e coletivas. Nossa compreensão, a partir de Freire, é a de que *ato-limite* capaz de criar *inédito viável* seria de caráter coletivo. Só coletivamente, pautados pela esperança e pela luta, poderíamos alterar estruturas historicamente opressoras e percebidas como barreiras para *sermos mais*. Do contrário, ficaríamos nos contornos, nos “puxadinhos”, que podem provocar danos ainda maiores.

Tomemos a crise sanitária, por exemplo, derivada sobretudo da desvalorização da vida em nosso país e produzindo amplos impactos sobre a educação. Como professores,

não teríamos conseguido criar *inédito viável* durante a pandemia de COVID-19 porque, enquanto coletivo, nossos atos ficaram restritos às nossas redes e/ou desafios particulares. Em acordo com a fragmentação que caracteriza a vida contemporânea e o neoliberalismo, construímos atos importantes que teriam contornado situações limitadoras da nossa prática pedagógica. Elas foram fundamentais para que parte dos estudantes pudesse vivenciar experiências educativas, muitas delas de solidariedade e amparo de diferentes naturezas. Construímos estratégias, criamos alternativas para exercermos “do-discência” (passim) e nos fazermos presentes em meio ao sofrimento e à desesperança. Mas talvez devamos reconhecer, nas devidas proporções, que mesmo antes da pandemia já criávamos estratégias para praticar currículos em situações-limite (SOUZA; CARVALHO, 2018)

Teríamos superado as barreiras percebidas por meio desses atos? Teríamos conseguido construir o *inédito viável*? A exclusão e a precariedade vivida por muitos estudantes, e mesmos professores, atestam que não. O *inédito viável*, como parte da perspectiva teórico-filosófica pautada na utopia, nos torna cautelosos em empregar esta categoria a *situações-limite* que não tenham sido profundamente transformadas, de fato, superadas de modo a não “reaparecerem mais adiante com força redobrada”, como defende Gadotti. A radicalidade do enfrentamento à opressão, estrutural, histórica e que se reinventa sob a ideologia neoliberal, nos provoca a tomar o *inédito viável* como conceito à altura do sonho e da esperança de libertação freireana.

Diante do contexto vivido, reproduzimos a pergunta à Freire de um professor universitário, como nós: “Mas como, Paulo, uma *Pedagogia da Esperança* no bojo de uma tal sem-vergonhice como a que nos asfixia hoje, no Brasil?” (FREIRE, 1992, p. 9). E, mais adiante, Paulo escreve: “Nas situações-limite, mais além das quais se acha o ‘inédito viável’, às vezes perceptível, às vezes, não, se encontram razões de ser para ambas as posições: a esperançosa e a desesperançosa” (1992, p. 11). Como educadores progressistas, nosso compromisso nos leva a examinar as situações desvelando “as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança”.

## Boaventura e Freire: uma trama de esperança

Na mesma linha do desafio formulado por Freire, pelo binômio *situação-limite – inédito viável*, Boaventura de Sousa Santos reflete sobre a construção do futuro, a partir daquilo que, potencialmente já está presente, mas de modo ainda não realizado nas

realidades sociais e cria, a partir daí, a sua Sociologia das Emergências (2004), baseando-a na noção de Ernst Bloch (1995) de “ainda-não”. Partindo da premissa de que a realidade não é apenas aquilo que existe, mas também aquilo que pode existir, mas “ainda-não” foi realizado, Santos formula a noção que pretende encolher o futuro, desidealizando-o, através do reconhecimento de que o potencial efetivo de futuro se inscreve nas práticas reais do presente. Reconhece que, sem previsibilidade ou linearidade, o futuro só poderá ser a realização de algo para o qual a sociedade tem potencial no presente. Parece-nos bastante clara a relação desta noção com o *inédito viável* freireano, já que, em ambas as reflexões, o que se reconhece é que há possibilidades viáveis de amadurecimento social, inscritas no presente, que exigem um “despertar” social que as viabilize e realize. Também em ambos os casos, para que o ainda-não/inédito viável floresça, condições anteriores precisam ser preenchidas. Em Freire, a busca pela superação da *situação-limite*, em Santos, a emergência da consciência emancipatória derivada da “expansão do presente”, o que é proposto pela Sociologia das Ausências (2004).

A Sociologia das Ausências, uma espécie de “arqueologia das existências invisíveis” (OLIVEIRA, 2006), busca perceber e tirar da invisibilidade todo um conjunto de práticas sociais – com seus conhecimentos próprios – que a modernidade torna invisíveis ao se dedicar unicamente ao reconhecimento daquilo que cabe nos horizontes epistemológicos e políticos de seu ideário e de suas concepções de conhecimento e de validade desses.

Assim, Santos (2004) vai desenvolver sua reflexão com base na ideia de que o futuro precisa ser construído e que essa construção de possibilidades plurais e concretas se faz no presente, através das atividades individuais e coletivas e a partir daquilo que existe como possibilidade na sociedade, mas *ainda-não* tem concretude. Ou seja, ao contrário da perspectiva determinista de um futuro que é continuidade infinita do presente, assume-se a compreensão de que é das ações dos sujeitos sociais que depende o futuro deles mesmos e da sociedade, ao mesmo tempo em que se acata a ideia de que essas ações estão inscritas nas possibilidades dessa sociedade.

Nesse sentido, é preciso ter a consciência de que, ao deixar de ser um prosseguimento automático do presente e passar a ser produto das ações sociais reais, o futuro encolhe na exata medida em que só poderá ser aquilo que pode ser pensado como consequência – mesmo que não-linear – das ações que o constroem e das condições de conhecimento e formas interativas já existentes, ou potencialmente existentes, na sociedade. Por outro lado, é um futuro ampliado, porque parte de um conjunto maior de

práticas sociais e de possibilidades nelas inscritas. Assim, na continuidade da sua reflexão, Boaventura (SANTOS, 2004) desenvolve sua “crítica da razão proléptica” – razão que não pensa o futuro porque crê já sabê-lo, entendendo-o como um processo evolutivo quase natural que dispensa a atuação dos atores sociais. O objetivo do autor é contrair o futuro tornando-o escasso e, por isso, objeto de cuidado, preocupação também presente em Freire.

A sociologia das emergências consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear (um vazio que tanto é tudo como é nada) por um futuro de possibilidades plurais e concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que se vão construindo no presente através de actividades de cuidado (SANTOS, 2004, p. 794).

Ambas as propostas, de Santos e de Freire, exigem superar a ideia da existência de um par dicotômico e estático: o presente que é e o futuro que não é, e de que passemos a pensar processualmente, na criação e gestão das possibilidades de vir a ser, de realizar possibilidades de futuro alternativas ao já existente, transformando-o a partir do que a sociedade pode vir a ser, mas *ainda-não* é, por meio da efetivação de *inéditos-viáveis*, ou seja, inscritos no que já existe. Por isso, Santos vai afirmar que o conceito que preside a Sociologia das Emergências é o conceito de *ainda-não* proposto por Ernst Bloch que na sua formulação afirma que *o possível é o mais incerto, o mais ignorado conceito da filosofia ocidental* (BLOCH, 1995, p. 241 apud SANTOS, 2004, p. 794), embora só ele possa revelar a totalidade inesgotável do mundo.

O *ainda-não* é a categoria mais complexa, porque exprime o que existe apenas como tendência, um movimento latente no processo de se manifestar. O *ainda-não* é o modo como o futuro se inscreve no presente e o dilata.

Não é um futuro indeterminado nem infinito. É uma possibilidade e uma capacidade concretas que nem existem no vácuo, nem estão completamente determinadas. (...). Subjectivamente o Ainda-Não é a consciência antecipatória, (...). Objectivamente, o Ainda-Não é, por um lado, capacidade (potência) e, por outro, possibilidade (potencialidade) (SANTOS, 2004, p. 795).

Seria a “consciência emancipatória” em Santos, ou consciência crítica, em Freire, uma forma de compreensão das questões sociais que exigisse a conversão de um possível, de um *ainda-não*, numa realidade em virtude dos limites atingidos pela forma anterior? Se sim, isso permitiria relacionar esta noção não mais apenas com o *inédito viável* mas

também com a *situação-limite* freireana? Nesse sentido, o limite seria o esgotamento do modelo social e não apenas a *intolerabilidade* de alguma circunstância específica. A transformação social, nesse sentido, seria a decorrência de ações efetivas baseadas em conhecimentos e sociabilidades subalternizadas, contra-hegemônicas, que, no momento de crise, emergem como solução para os problemas que a sociedade enfrenta em cada circunstância.

O que se entende, nesta reflexão, é que as possibilidades e capacidades concretas quando efetivadas vão redeterminar tudo aquilo em que tocam, modificando-o e, portanto, pondo em questão as determinações anteriores. Mas essa redeterminação não significa a introdução de nenhuma certeza quanto ao que será aquilo que *ainda-não* é ou o *inédito viável*, considerando a possibilidade de realização de possíveis não concebidos, aceitando-se os limites de nossa compreensão daquilo que determinadas ações tornam possível. A incerteza sobre a possibilidade concreta que se desenvolve repousa sobre o fato de que as condições que a podem concretizar só são parcialmente conhecidas e, mais do que isso, só existem parcialmente (SANTOS, 2004). Ou seja, a potencialidade é reconhecível, mas não o seu resultado. Essa possibilidade inclui, ainda, o que Boaventura chama de escuridão, na medida em que o momento vivido em que ela se inscreve não é totalmente visível para si próprio. Tudo isso torna o futuro escasso e duvidoso e as mudanças habitadas por um elemento de acaso e de perigo. Assim, as *situações-limite* e as possibilidades sociais *ainda-não* realizadas nos colocam diante da responsabilidade de não desperdício, aqui não mais da experiência, mas das oportunidades de mudança.

Em cada momento, há um horizonte limitado de possibilidades e por isso é importante não desperdiçar a oportunidade única de uma transformação específica que o presente oferece: *carpe diem* (idem).

O vínculo que Boaventura estabelece entre a ampliação do presente e a contração do futuro se torna mais claro a partir dessa ideia da possibilidade que, estando inscrita na realidade, não automatiza nenhum movimento, embora defina a direção possível deste. O futuro a ser construído, então, só pode sê-lo a partir do aproveitamento de possibilidades criadas/inscritas no presente e, por isso, não pode nem deve ser entendido como infinito. Por outro lado, o futuro é, também, indeterminado e isso porque o presente contém mais de uma possibilidade na medida em que inclui uma multiplicidade de realidades invisibilizadas, mas existentes e, ainda, realidades potencialmente concretizáveis, mas ainda não realizadas, *inéditos-viáveis*, mas que não necessariamente serão realizados.

Assim, a complementaridade entre os dois procedimentos sociológicos propostos por Santos (2004) – a sociologia das ausências e a sociologia das emergências – se evidencia também, ao mesmo tempo em que permite refletir, a partir do binômio freireano, naquilo que as *situações-limite* inviabilizam de permanência e nos inéditos-viáveis mais potentes de as superarem em cada circunstância específica. *Quanto mais experiências estiverem hoje disponíveis no mundo mais experiências são possíveis no futuro* (SANTOS, 2004, p. 799). Ou seja, enquanto a primeira se dedica ao desvendamento das experiências já existentes, do que já existe, a segunda vai se dedicar ao estudo das experiências possíveis, daquilo que ainda não é, mas que amplia o que já é inserindo nele possibilidades e expectativas que ele comporta. Ambas permitem repensar o futuro, relacionando a construção dele aos elementos concretos dessas muitas realidades, radicalizando expectativas assentes em possibilidades reais, superando o idealismo das expectativas falsamente infinitas e universais que a modernidade criou.

Em ambos os autores, o inconformismo é uma carência cuja superação está no horizonte de possibilidades e não numa idealização ilusória e enganosa de um futuro grandioso que nunca virá. O reencontro com a *situação-limite* em Paulo Freire se dá, nessa perspectiva, no modo como ele as formula a partir de Vieira Pinto, não como fim, mas como o ponto de partida das transformações e, por isso, do mesmo modo que a sociologia das emergências de Santos, elas permitem a efetivação da busca de uma relação mais equilibrada entre experiência e expectativa. *O Ainda-Não, longe de ser um futuro vazio e infinito, é um futuro concreto, sempre incerto e sempre em perigo* (SANTOS, 2004, p. 796) e as *situações-limite* são desafios para a prática de *atos-limite* que permitam a transformação da subalternização, da opressão social em uma sociedade mais justa. Inédita, mas viável.

## Esperançando em busca dos inéditos viáveis

Conceber e lutar por *inéditos-viáveis*, possibilidades *ainda-não* realizadas, mas possíveis num momento de grave crise ética, sanitária, política e institucional é ousar não ceder ao pessimismo e à desesperança, que é inimiga da justiça<sup>4</sup>.

Estamos, assim, em meio a uma luta pela utopia, reconhecendo que devemos seguir sonhando o “sonho possível” ao qual alude Paulo Freire (2020) e confirma

<sup>4</sup> O filme “Luta por justiça” (CRETTON, 2019), baseado na carreira do advogado negro Bryan Stevenson que se notabilizou por salvar condenados “por engano” do corredor da morte, traz um belo discurso em que este afirma: “a desesperança é inimiga da justiça. A esperança nos permite ficar de pé quando nos mandam sentar, e falar quando nos mandam calar. Todxs nós precisamos de justiça, todos nós precisamos de compaixão”.

Boaventura (2020a), seguindo aquilo que defendemos na argumentação desenvolvida neste texto. Boaventura afirma que a realidade rebelde e sempre em movimento impede que nos detenhamos, na luta política, às teorias, entendendo para além delas, a necessidade da luta política. Assim sendo, a luta utópica pode ser percebida não só como possibilidade, mas como necessidade humana. “Faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não prescindem do sonho e da utopia”. (FREIRE, 2020, p. 77). E por isso reencantamos o mundo ao inseri-la em nossos cotidianos (SANTOS, 1995) como “necessidade fundamental”, como ensina Paulo Freire.

Acreditar em *inéditos-viáveis* e em possibilidades *ainda-não* realizadas, paralelamente ao exercício cotidiano do esperar que dá materialidade à esperança – outro campo de forte confluência entre Santos e Freire – nos permite não deixar de sonhar. É a permanência de utopias em ação, de exercícios cotidianos de sonhar e acreditar em suas possibilidades que permite lutar contra as iniquidades crescentes, as injustiças e a barbárie que vimos enfrentando.

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... Não há mudança sem sonho e nem sonho sem esperança. (FREIRE, 1992, p. 91).

Deste modo, encarando de frente a necessidade de investir em possibilidades utópicas, daquilo que *ainda-não* sabemos fazer, mas que potencialmente somos capazes de criar, a partir do que temos e sabemos, e daquilo que nossos sonhos e utopias permitem conceber e promover, como *inédito viável* o “sonhar coletivamente [que] é assumir a luta pela construção das condições de possibilidade” (FREITAS, 2020, p. 42).

Finalmente, a partir do que defendemos ao longo do texto, precisamos lutar para que a ascensão da extrema direita ao poder e todas as iniquidades que ela promove e que nos indigna permanentemente, nos juntamos, também, a Santos (2020b, p. 25) em seu otimismo trágico. Podemos, ainda, recorrer a Gabriel Garcia Marquez (2011). Em seu discurso quando recebeu o Nobel de literatura, ele disse, citando Faulkner que também se recusava “a admitir o fim do homem”, apesar da dimensão trágica da realidade da época.

Diante desta realidade assombrosa, que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, os inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos no direito de acreditar que ainda não é demasiado tarde para nos lançarmos na utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir

pelos outros até mesmo a forma de morrer, onde de verdade seja certo o amor e seja possível a felicidade, e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham, enfim e para sempre, uma segunda oportunidade sobre a terra (MARQUEZ, 2011, p. 28).

Passados quarenta anos desde esse discurso de Marquez, precisamos voltar a ele, a Freire, a Santos e a tantos outros que lutam pelas utopias, sonham com elas e as praticam, invisivelmente, cotidianamente, germinando sementes nas crises como a de agora, acreditando e lutando para que floresçam como inéditos antes viáveis e depois tornados realidade, como realização do que antes, era possível, mas *ainda-não* estava realizado. Passados cem anos de Freire, que possamos esperar e sonhar com ele, tecendo *inéditos viáveis* diante de situações-limite, como a atual.

## Referências

- CRETTON, Daniel. **Luta por Justiça** (Just Mercy). Filme produzido por Gil Netter, Ascher Golsstein e Michael B. Jordan. Estados Unidos da América: Warner Brothers Pictures, 2019. Assistido em Streaming no Now-Claro Net. Disponível em diferentes plataformas.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 5. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- FREITAS, Ana Lúcia de Souza. Pedagogia dos sonhos possíveis: a arte de tornar possível o impossível. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2020, p. 39-48.
- MARQUEZ, Gabriel Garcia. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. O Vernáculo e o utópico. Coluna Ideias, **Jornal de Letras**, 26 de agosto a 8 de setembro de 2020, p. 27, 2020a.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Quem não acredita na utopia é porque é míope. Entrevista ao **Jornal I**, 28 de agosto 2020, n. 3284, ano 11, p. 17-25, 2020b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do tempo**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SOUZA, Anderson Rodrigues; CARVALHO, Jaciara de Sá. Situação-limite, ato-limite e inédito viável: categorias atuais para problematizar a percepção da realidade. **Revista E-curriculum** (PUCSP), v. 16, p. 1288-1308, 2018.

**Submetido em 18/08/2021**

**Aprovado em 18/08/2021**

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)